



5º Domingo na Quaresma (13/03/2005)

Primeira leitura (Antigo Testamento): Ezequiel 37.1-3(4-10),11-14

A trágica experiência do exílio é interpretada pelo profeta como uma grande desgraça nacional, representada pela visão do vale de ossos secos. Porém, a palavra profética anuncia a esperança no Deus que, pelo seu sopro criador, faz brotar vida naquilo que está morto. Observemos a constante repetição no texto da expressão "sopro" de Deus. Trata-se da ação do Espírito, o único princípio capaz de devolver a esperança, revestir de carne e nervos as ossadas mortas. A mensagem profética é de profunda esperança: "farei-vos sair dos vossos sepulcros e conhecereis que eu sou o Senhor". Aqui reside a ponte que une o Antigo Testamento ao Evangelho, onde se relata a ressurreição de Lázaro, da morte para a vida. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)

Epístola: Romanos 6.16-23

O recorte para este domingo foi feito do trecho que começa no versículo 12. O que está sendo destacado é a vida de liberdade na graça sob o poder libertador em Jesus Cristo. Essa ação libertadora foi o que os destinatários da Carta (nós também) não puderam fazer e foi feita. [É como a transformação dos ossos secos em comunidade viva (Ez 37) e ressurreição de Lázaro (Jo 11).] Na encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Aqueles últimos tempos, o Dia de Deus entrou na vida deste mundo, por isso, é um novo tempo. Por isso devemos assumir uma nova forma de viver com Deus e uns com os outros neste mundo a serviço do reinado de Deus. A base do encorajamento para assumir e expressar essa vida é o que o apóstolo expôs em 6.1-11.

Há uma série de contrastes: a lei e a graça vs.15; pecado e obediência vs. 18; pecado e retidão vs. 20; morte e vida vs. 23. Em síntese, há um contraste aguçado entre duas soberanias ou domínios: do pecado ou do domínio libertador de Cristo. Não se tem uma terceira opção.

Esse contraste não consiste em simples passagem de um senhorio menor para um senhorio maior. É uma passagem, sem dúvida. Porém há uma diferença qualificada no sentido do novo domínio. Por exemplo, o verso 20 aponta para a santificação, habitação, morada do Espírito Santo. Em 5.5 a metáfora é o de derramamento do amor em nós. Em 8.14-15, o relacionamento com Deus é o de filhos e filhas, contrastado com a escravidão, a liberdade dos filhos, pois onde há Espírito aí está a liberdade, 2Co 3.17. Assim, embora diga o texto: escravos de Deus (vs. 20) e escravos (doulos, nos dois casos) da justiça não se trata de relação servil, mas de serviço cujo viver é orientado pelo Espírito Santo para a vida eterna, que não



é regulada pelas leis. Aqui há um contraste com o império romano que exigia a conformidade com a imposição da Pax Romana. Em outras palavras, sugere-se que as "instituições" que regulam a vida humana, segundo o pensamento paulino, têm de ser lidas no contexto da comunhão fraterna com a orientação do Espírito Santo. (Dom Sumio Takatsu)

Santo Evangelho: João 11 (1-7), 18-44

A ressurreição de Lázaro é o último grande sinal de Jesus no evangelho de Joao. Nesse sentido, já prefigura a própria ressurreição de Cristo. A enfermidade de Lázaro resume e personifica todos os enfermos apresentados até agora nos evangelhos, porque toda enfermidade conduz, em última instância, à falência múltipla dos órgãos, à morte. As enfermidades representam a ameaça real e concreta da morte física, da qual os seguidores de Jesus não estão isentos.

A demora de Jesus em ir a Betânia pode ser deliberada. Talvez ele espere que o fato da morte se consuma. Jesus não vai interferir agora para alterar o ciclo normal da vida física, livrando o homem da morte biológica, mas dando a esse novo sentido, para que a morte deixe de ser motivo de temor.

"Eu sou a ressurreição e a vida. Todo aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá". Com tais palavras, Jesus não promete que o ciclo biológico vida-morte se interrompa, mas mostra que a morte física não é capaz de interromper a qualidade de vida (a vida eterna) outorgada por Jesus aos que nele crêem. Por isso, "todo o que vive e crê em mim, não morrerá nunca". Para quem recebe o Espírito de Deus, nunca existe interrupção da vida. A morte é apenas necessidade física. Por isso, dentre os muitos símbolos da Páscoa temos a borboleta que nasce do casulo e o grão que precisa morrer para tornar-se espiga.

No âmbito da morte, Jesus se apresenta como a ressurreição e a vida. Ele, que venceu a morte, manifesta aqui seu poder a despeito da incredulidade das pessoas. Quando Jesus pede que se retire a pedra, a primeira reação de Marta é dizer que após quatro dias, o corpo desfalecido já estaria cheirando mal. A resposta de Jesus serve para todos nós em nossa incredulidade: "se creres, verás a glória de Deus". É pela sua palavra que os mortos retornam à vida. Jesus atualiza aqui a mesma ação de Deus no episódio do vale de ossos secos

À crença judaica projetava a ressurreição para o "último dia" (11.24), o dia escatológico de Javé. Jesus, com esse sinal, mostra que ele mesmo já estava inaugurando os tempos escatológicos. Além disso, Jesus ordena que os envolvidos tirem os panos que amarravam Lázaro. Isso implicava tocar em um morto, ato que trazia "impureza", conforme a lei judaica. Mas ao tocarem em Lázaro, este já não estava morto. Estava vivo.

Essa narrativa nos ensina sobre o desígnio de Deus para o ser humano: a comunicação de sua própria vida, a vida eterna que transcende qualitativamente a vida biológica e, por isso, supera a morte física. A morte como final da vida física é o



ponto máximo da debilidade humana. O medo dessa morte como fim definitivo torna o ser humano impotente para resistir à opressão, doando-se em amor. Somente aqueles que compreendem o valor da vida eterna que transcende a própria morte, podem tornar-se mártires da fé, tal como os cristãos que se entregavam ao martírio no tempo das perseguições e tantos outros que arriscam suas vidas biológicas em prol do Reino de Deus. Alguns e algumas, acabam realmente, perdendo sua vida física. Mas seu testemunho de martírio mostra que o fizeram porque descobriram o verdadeiro significado da vida eterna.

Ao concluirmos essa quadra da quaresma, é importante enfatizar o fato de que Deus nos prepara para vivermos mais uma vez a experiência da páscoa, atualizando-a em nossas vidas e experimentando o poder de sua ressurreição sobre a morte que nos rodeia (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani).